

BANDO ESCOLASTICO

Recitado pelo academico

Antonio d' Araujo Carvalho Junior

EM

5 DE DEZEMBRO DE 1908

Minerva erguendo a dextra altiva, triumphante,
Envolta em nuvens d'ouro, d'amplidão dos Céus,
Bradou a todos nós:

—«O' mocidade, ávante,
«Deslumbra os risos teus!
«Retroceder jámais, ó mocidade em flôr,
«Tu tens dentro d'est'alma o mais sagrado amor
«P'ra alegre te ajudar nas Festas Nicolinas,
«Cobrindo-te de flôr's as capas e as batinas!
«O' loira mocidade, ó bando estudioso,
«Que nunca morra em ti o canto harmonioso
«Que Nicolau adóra!
«Que a tua festa seja um sorriso d'auróra,
«Em luz e esplendor!!...
«Ávante, ó mocidade, ó mocidade em flôr!»—
Disse... Depois n'um beijo infindo de saudade
Que fulgido tombou nos nossos corações,
A Deusa se sorriu na vasta immensidade
A irradiar clarões!
Olhos fitos no Céu, as lagrimas a flux,
Vimos subir Minerva aos braços de Jesus,
Sentindo dentro d'alma a força myst'riosa
Da nossa Festa ser a festa mais formosa...

Festas de Nicolau! quem há que vos eguale
Se sois o coração de todo Portugal?!...
Quem sois, ó *Imbencibles* e vós, ó Fenianos?...
Girondinos, quem sois? quem sois Gualterianos?...
Tremei da nossa Festa lèda, sobranceira,
Que grita no tambór, que clama no *Zé-P'reira*...
Tremei, ó vós, tremei da estoica reinação
Que *devóra agua-d'unto* além, na Conceição...
Nem carros triumphaes ornados d'ouro e rósa,
Nem mesmo a *immortidoira fonte-luminosa*
Que deslumbrou um cêgo e fez rir um defuncto
Chegou á nossa Festa em *bombo e agua-d'unto*...
Mas se acaso a quereis na ancía culminante,
Na apothose louca, e ingente, e deslumbrante,
Que nos deixem descer aos antros da Folia,
Que nos deixem tirar as peias da oppressão:
Vasconcellos, Ribeiro, Sanches, Zé Maria,
Moreira, Freitas, Pina, Gilberto e Aarão...

Olé!... quem anda ahí de sóccos, a mecher?!...
—O' *João*, dá cá a *móca*... Então não querem ver
Um bravo *milanez* com fumos petulantes
A q' rer metter nariz na Festa dos 'studantes?!...
Menino, toca a andar, que a coisa vista a sêcco
Não fica em panno cru do Santos *Parrameco*...
Meus ricos caixeirinhos, isto é p'ra quem quér...
A nossa discordancia, filhos, podeis crêr,
Só findará no dia—ó discordante mágua—
No dia em que os tanques deixem de t'êr agua...
Entretanto, meninos, quem vence é a verdade
Despida de louvôres:
Vos sois a eterna luz das Festas da Cidade,
Seus bellicos fulgôres!!
Vá lá, vá lá um abraço cheio de disvello
E um beijo ao *avósinho*, ao nobre João de Mello...

O' frescas tricanínhas, flor's de todo o anno,
Onde é que se perdeu o vosso olhár magano
P'ra assim andardes tristes, a vertêr paixões,
Tratando o nosso amor com fêros belliscões?!...
A gente cançadinha de vos ensinar
Os tempos quasi todos d'esse verbo amar
Que vos com tanta graça—ó graça impemite—
Já sabeis declinar no *mystico presente*...
Alto... Lá 'stá o apito ingrato da Avenida
A chamar-vos á lucta, a chamar-vos á vida,
Onde ides espulhár e'o trabalho a amargura
N'um cançado desejo...
Corréi, dae cá um beijo,
O' filhas 'staeis a ver que é mesmo uma loucura...

Grisettes do amor, ó lindas moreninhas,
Que sois um dia inteiro a pespontar setins?
Cantando alegremente como as avezinhas,
Sorrindo docemente como os seraphins;
O' Evas tentadôras:
Deixae que a nossa bocca, em ancias peccadôras,
Oscule essas maçãs tão rubras, sasonadas,
Que o vosso rosto tem, ó Evas desejadas,
Mesmo a dizer papae-nos, filhos, sem remorso
Que não vos fica, não, na garganta o carôço...
Vamos, não val' zangar, seus *melindrosos sêres*...

...O' *Rosinha*, ai! ai! ai!...
Lá 'stás tu a fitar a *espada do alfêres*...
Mau... mau... se *continúas* digo-o a teu pae...

Vae-se acabar, enfim, o *ouctogono zarólha*!!!...
No centro é erigida a *estatuá da Bólha*!!!...

Guimarães, *alta noite*, ergueu-se do seu leito,
Vestiu-se de *chaufeur*, pôz uma rosa ao peito,
Correu para a *garage*, saiu em *oito—e—nôve*,
Carregou no *pô-pô*, com *graça* que commôve,
Deu uma volta ao Jardim e foi com alegria
Payo-Galvão em recta até Santa Luzia...
Tomou um pouco d'ár, e passado um momento
Eis que pôz outra vez o carro em movimento
Metteu pelo *Picóto*, chegou ao Hospital,
Cortou para o Quartel e canção afinal
Subiu ao seu castello, ao seu velho alcaçar
Que mais de *sete se'los* foi por *concertár*...
Encostado a uma ameia, olhou com attenção
A sua espectrea sombra envolta em 'scuridão...
D'ahi viu a *batalha*, esse luctar *commum*,
Da *Região dos trez* contra os Heroes do um...
Que apesar de *commum*, ó *crássica irrisão*,
Arrotou urna em fóra a *grande sensação*!!!...
Viou o *pobre do Affonso*, ainda de *cadeira*,
Apreçar uns feijões a uma regateira...
Procurou o Tournal e viu com phrenesim
Sorrir *arcos voltaicos* aos mil p'lo jardim...
Nervoso contemplou o seu grupo de *Talma*
Que *escarneceu* o *Julio*, insoffrido, sem alma,
Gritando-lhe *invectivas* e outras coisas mais,
Matando-lhe a *Sevêra* e os grandes *Cardeaes*...
Viou inda em *letras d'ouro* o *bando assignalado*
Que um *estro-Madurino* fez anno passado...
Viou a *sportman-paixão* a escancarar gavêtas
E o *Christovão* a rir co'as velhas bicycletas...
Fitou a sua imprensa e viu no *meio d'ella*
Uns *typicos bebês* a dar á *taramella*...
De repente sentiu tocarem-lhe n'um hombro,
Virou-se d'um só pulo, tremulo d'assombro,
E viu na sua frente a *conclusão precisa*:
D. Progreso a chorar... em *fralda de camisa*...

Damas de Guimarães:

Quizera mos de rosas, lyrios e cecéns
Tecer uma grinalda p'ra vos offertar
Cingida com amor e fitas de luar!!

O' lyricas senhoras:

Deixae que as nossas almas ternas, sonhadôras,
Caíam aos vossos pés a soluçar paixões,
Contando-vos a dor dos nossos corações!

Santas de Guimarães, 'scutae a nossa alma
Que vos segreda a dor dos corações sem calma...

Mais triste que a saudade

Anda toda de crépe a nossa mocidade,
Vivendo a lamentar-se como um rouxinol
Que chora desde a aurora até ao pôr-do-sól,
E não tem, ai! não tem
Um beijo de ternura que lhe faça bem!...

Santas de Guimarães, ai! tende piedade
Dos nossos corações, da nossa mocidade...

O' loiras Juliettas:

Por vossas mãos bordae as nossas capas pretas,
Fazei d'ellas um manto d'astros n'um sorriso
Mais bello que o manto azul do Paraiso!!

Santas de Guimarães, fazei um manto lindo
Das nossas capas pretas n'um sorriso infindo...

O' filhas do luar:

Fazei das nossas dôres,
As mais ridentes flôres,
O mais formoso altar!

A's armas, luctador's heroicos do Porvir!!...
Que o mundo caia todo para traz a rir
Ao travar-se a peleja infrene, allucinante,
Do *silencio* querer *vergar* um Estudante!!...
O' bravos batalhões, p'la Historia assignalados,
Heroes que atravessastes mar's já navegados
Chegando até á *Pisca*, salvos, triumphaes,
—Força que força humana permittiu jámais—
Alevantae bem alto a *Fama-Intemerata*,
Fazendo reviver o Rei da Bambochata!!...
Ávante luctador's, ás armas batalhões!!...
Força n'esses tambôres,
Fogo n'esses canhões!!!...

Guimarães em 1908.

DELFIN GUIMARÃES.